

Sílvia Helena Belmino
Ricardo Ferreira Freitas

ORGANIZADORES

INTERCIDADES

Consumos e imaginários urbanos

Intercidades

Consumos e imaginários urbanos

**Presidente da República**

Jair Messias Bolsonaro

Ministro da Educação

Milton Ribeiro

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC****Reitor**

Prof. José Cândido Lustosa Bittencourt de Albuquerque

Vice-Reitor

Prof. José Glauco Lobo Filho

Pró-Reitor de Planejamento e Administração

Prof. Almir Bittencourt da Silva

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Prof. Jorge Herbert Soares de Lira

**IMPrensa UNIVERSITÁRIA****Diretor**

Joaquim Melo de Albuquerque

CONSELHO EDITORIAL**Presidente**

Joaquim Melo de Albuquerque

Conselheiros*

Prof. Claudio de Albuquerque Marques

Prof. Antônio Gomes de Souza Filho

Prof. Rogério Teixeira Masih

Prof. Augusto Teixeira de Albuquerque

Profª Maria Elias Soares

Francisco Jonatan Soares

Prof. Luiz Gonzaga de França Lopes

Prof. Rodrigo Maggioni

Prof. Armênio Aguiar dos Santos

Prof. Márcio Viana Ramos

Prof. André Bezerra dos Santos

Prof. Fabiano André Narciso Fernandes

Profª Ana Fátima Carvalho Fernandes

Profª Renata Bessa Pontes

Prof. Alexandre Holanda Sampaio

Prof. Alek Sandro Dutra

Prof. José Carlos Lázaro da Silva Filho

Prof. William Paiva Marques Júnior

Prof. Irapuan Peixoto Lima Filho

Prof. Cássio Adriano Braz de Aquino

Prof. José Carlos Siqueira de Souza

Prof. Osmar Gonçalves dos Reis Filho

* membros responsáveis pela seleção das obras de acordo com o Edital nº 13/2019.

**Sílvia Helena Belmino
Ricardo Ferreira Freitas**
(Organizadores)

Intercidades

Consumos e imaginários urbanos



Fortaleza
2020

Intercidades: consumos e imaginários urbanos

Copyright © 2020 by Sílvia Helena Belmino, Ricardo Ferreira Freitas (Organizadores)
Todos os direitos reservados

IMPRESSO NO BRASIL / PRINTED IN BRAZIL

Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará (UFC)
Av. da Universidade, 2932, fundos – Benfica – Fortaleza – Ceará

Coordenação editorial

Ivanaldo Maciel de Lima

Revisão de texto

Leidyane Viana Nogueira

Normalização bibliográfica

Marilzete Melo Nascimento

Programação visual

Sandro Vasconcellos / Thiago Nogueira

Diagramação, tratamento de imagens, redesenho de gráficos para vetoriais

Sandro Vasconcellos

Capa

Valdiano Araújo Macêdo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Bibliotecária Marilzete Melo Nascimento CRB 3/1135

I61 Intercidades [livro eletrônico] : consumos e imaginários urbanos / Sílvia Helena Belmino e Ricardo Ferreira Freitas (organizadores). - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2020.
1.598 kb : il. color. ; PDF (Estudos da Pós-Graduação)

ISBN: 978-65-88492-09-3

1. Cidades. 2. Consumo. 3. Comunicação. I. Belmino, Sílvia Helena. org.
II. Freitas, Ricardo Ferreira. org. III. Título.

CDD 307.76

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
--------------------	---

Parte I

CONSUMO URBANO, EXPERIÊNCIAS E IMAGINÁRIOS SOBRE FORTALEZA EM MÚSICAS DE COMPOSITORES CEARENSES

<i>Sílvia Helena Belmino, Robson da Silva Braga</i>	12
---	----

AS JUVENTUDES E AS CIDADES NO TEXTO E NA VOZ DA LEGIÃO URBANA

<i>André Luis Campanha Demarchi</i>	30
---	----

REALIDADES E DESAFIOS DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DO RIO DE JANEIRO: memória, gastronomia e ação

<i>Adelaide Chao</i>	51
----------------------------	----

A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA NO DFB FESTIVAL 2018: uma análise do desfile “Amor próprio”

<i>Maria Isabella Sousa Miranda</i>	64
---	----

O CONJUNTO PALMEIRAS E O CONSUMO DA PRODUÇÃO MIDIÁTICA: um estudo sobre a imagem de um bairro de periferia de Fortaleza

<i>Sílvia Helena Belmino, Kamila Bossato Fernandes</i>	80
--	----

PODER SIMBÓLICO E CONSTRUÇÃO DE TERRITORIALIDADES DE CONSUMO EM FORTALEZA: o Mirante do Morro Santa Terezinha nas páginas do jornal Diário do Nordeste <i>João Flávio Menezes Amaral</i>	96
A CIDADE NAS ONDAS DO RÁDIO: Sobral (CE) no programa “Sábado de todas as maneiras” <i>Claudiene dos Santos Costa</i>	112
O CONSUMO DOS LUGARES EM OBRAS AUDIOVISUAIS PARA AS CRIANÇAS <i>Verônica Dantas Meneses, Kécia Garcia Ferreira</i>	128
Parte II	
DE “CIDADE MARAVILHOSA” A “CIDADE OLÍMPICA”: reflexões sobre a (re)construção da “marca Rio” <i>Ricardo Ferreira Freitas, Flávia Barroso de Mello, Roberto Vilela Elias</i>	146
METAMORFOSES URBANAS: do Rio colonial à cidade-mercadoria <i>Adriana Guimarães Moreira</i>	160
MEGAEVENTOS E LEGADOS OLÍMPICOS: a zona portuária nas páginas do jornal O Globo <i>Igor Lacerda</i>	178
A(S) FORTALEZA(S) DA COPA DO MUNDO: representações sociais da cidade-sede no jornalismo local <i>Alissa Carvalho</i>	193
CULTURA VISUAL: sentidos e experiência no vídeo da Maratona do Rio de Janeiro <i>Tatiana Cioni Couto</i>	209
OS AUTORES	223

valida a cidade turística historicamente construída, ao sediar a Copa do Mundo de Futebol de 2014, e reforça percursos oficiais de consumo. Por fim, o último texto desta coletânea traz os conceitos de *branding*, imaginário, *video-scape*, forma-cidade, corpo-mídia e cidade-mídia por meio da análise do vídeo oficial da Maratona, que atua como uma plataforma comunicacional, ao promover o Rio de Janeiro como cidade esportiva e cidade-mercadoria.

Sílvia Helena Belmino
Ricardo Ferreira Freitas
(Organizadores)

Parte I

CONSUMO URBANO, EXPERIÊNCIAS E IMAGINÁRIOS SOBRE FORTALEZA EM MÚSICAS DE COMPOSITORES CEARENSES

*Sílvia Helena Belmino
Robson da Silva Braga*

Introdução

As músicas, na medida em que retratam de forma idealizada as cidades, os lugares e os bairros, contribuem com a criação de imagens sobre os espaços urbanos e estimulam imaginários tanto para os moradores como para os visitantes. No presente artigo, buscamos identificar e refletir sobre os resultados das experiências de cidade nas construções de imaginários urbanos de jovens compositores de Fortaleza.

Analisamos o consumo do espaço urbano por representantes de três bandas locais, compostas por jovens de diferentes estratos socioeconômicos e oriundos de diversas regiões da cidade. Elas atuam no cenário artístico da capital e abordam experiências e imaginários sobre a capital cearense. São os grupos Costa a Costa, Caixeiros Viajantes e Selvagens à Procura de Lei.

Para analisar os modos como os sujeitos selecionados se apropriam dos símbolos urbanos da cidade a partir de suas experiências urbanas, propomos uma reflexão sobre “consumo urbano”, com base na definição conceitual sobre “consumo cultural”. O termo se refere ao “conjunto de pro-

cessos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos” (CANCLINI, 2015b, p. 60). Nesse sentido, buscamos identificar como os processos socioculturais que conformam as experiências urbanas de cada um colaboram para as apropriações que fazemos dos símbolos que compõem a cidade em que vivemos. Isso não significa dizer, contudo, que as experiências urbanas sejam conformadas apenas numa perspectiva individual. Há, na verdade, uma combinação de aspectos individuais e de aspectos coletivos, socialmente previstos (DUBET, 1994).

Com base nessa definição, consideramos que os discursos dos compositores musicais que abordam símbolos da cidade em suas composições são atravessados por suas experiências urbanas (MONGIN, 2009). Nesse sentido, seria necessário entender o consumo que eles realizam sobre o espaço da cidade para compreender o modo como eles mobilizam símbolos urbanos em suas composições. Dessa forma, propomos uma reflexão sobre consumo cultural em que o produto consumido é a cidade, os consumidores são compositores musicais, e os modos de capturar suas práticas urbanas se dão por meio de suas músicas e de seus discursos (capturados, aqui, por meio das entrevistas concedidas para esta pesquisa).

Partimos da percepção de que o espaço da cidade é uma plataforma de situações abertas, contrariando a noção dos urbanistas modernos, que olhavam (ou olham) para a cidade em sua totalidade e como uma forma fechada (LA ROCCA, 2018). Nesse sentido, concordamos com a ideia defendida por La Rocca (2018, p. 20), que considera que “os indivíduos participam da efervescência coletiva do meio urbano”.

O autor destaca que tal discussão parte de uma “espacialização da existência”, que seria “um processo de elaboração simbólico do espaço que emerge nas práticas da vida quotidiana” (LA ROCCA, 2018, p. 20). Partimos, aqui, das experiências particulares de cada um dos compositores entrevistados, sem desconsiderar, contudo, que a cidade é conformada por um emaranhado de ações coletivas constituídas pela sociedade como um todo.

Compreendemos o urbano como produções imaginárias mediadas por técnicas que, como lembra Armando Silva (2014), convertem a cidade em depositária das fantasias cidadãs. Nesse sentido, o imaginário pode evidenciar a relação entre a produção e a forma de expressão. Os

músicos podem se valer da fantasia para expressar a realidade; porém, é importante lembrar que os fatos imaginados partem de uma experiência de mediação com a cidade. Assim, na imaginação simbólica apontada por Silva (2001, p. 43-44), “quando o significado não puder se apresentar como uma coisa específica, enquanto tal, uma palavra exata ou uma descrição única, o que se apresenta é mais que uma coisa, um sentido ou muitos que podem abarcar a expressão simbólica”.

A experiência que nos liga ao espaço é uma construção social da realidade, que, ao contrário do que se costuma pensar no senso comum, é uma construção simbólica. Sobre isso, Michel Mafessoli (2004, p. 57) nos lembra “que a megalópole é constituída por uma série de ‘altares’ no sentido religioso do termo, nos quais são celebrados diversos cultos de forte componente estético-ético. São cultos do corpo, do sexo, da imagem, da amizade, da comida, do esporte, etc.”.

Nesse sentido, compreendemos a cidade não somente como um território específico, mas como “um tipo de experiência da qual a cidade é, com mais ou menos intensidade [...], a condição de possibilidade” (MONGIN, 2009, p. 29). Seria a cidade, assim, o espaço que conformaria as experiências dos sujeitos, sendo ela, também, conformada pelas práticas cotidianas de seus habitantes. Ela seria “multiplicadora de relações, aceleradora de trocas” (2009, p. 29).

Mongin (2009) destaca o caráter polifônico das experiências urbanas, variando a partir dos diversos atravessamentos que definem cada sujeito cidadão. Por conta disso, a cidade não se prestaria a uma narrativa única, o que torna necessário compreender por que os diversos sujeitos que compõem uma população urbana divergem quanto ao olhar lançado sobre o território, que só aparentemente é o mesmo. Mongin (2009, p. 49) destaca que a cidade “é um espaço finito que torna possível uma experiência infinita, a começar por aquela da caminhada que gera a imaginação e a invenção”.

Corpus analisado

Desde fevereiro de 2018, o grupo de pesquisa coordenado pelos autores deste texto vem realizando um mapeamento das músicas cujas

composições retratam símbolos que constituem a cidade de Fortaleza, a exemplo de bairros, equipamentos públicos e monumentos espalhados pela capital cearense. Até o momento, foram catalogadas cerca de 90 músicas, resultado de uma enquête aplicada por meio de redes sociais virtuais e com compositores entrevistados pelo grupo de pesquisa. À medida que as composições foram sendo analisadas, passamos a entrevistar os artistas a fim de compreender a relação deles com os símbolos retratados nas composições.

Para este artigo, selecionamos três grupos musicais contemporâneos formados por jovens artistas, com o objetivo de analisar as experiências urbanas experimentadas mais recentemente por eles e como elas acabam por conformar novos olhares — talvez mais complexos — sobre Fortaleza, uma cidade que vem despontando como uma das principais capitais brasileiras, devido a aspectos como crescimento econômico e turístico, inchaço populacional, violência urbana e desigualdade social.¹

Combinamos, nesta pesquisa, dois procedimentos metodológicos:

1) Entrevistas com representantes de três grupos musicais, com o objetivo de compreender a relação que eles estabelecem com a capital cearense na vida cotidiana. São eles: **a)** Carlos Nego Gallo, do grupo de *hip-hop* Costa a Costa; **b)** Jefferson Juan e Pedro Anderson, do grupo Caixeiros Viajantes; **c)** e Rafael Martins e Gabriel Aragão, do Selvagens à Procura de Lei;

2) Seleção de seis composições musicais que retratam Fortaleza, sendo duas de cada um dos grupos musicais destacados.

¹ Fortaleza possui a quinta maior população do país, com 2,6 milhões de habitantes, segundo dados recentes do IBGE. É considerada uma das cidades mais desiguais do país e, em janeiro de 2019, esteve no centro do debate nacional sobre violência urbana devido a ataques a equipamentos públicos, cometidos por grupos criminosos organizados, que reagiram a decisões do governo estadual acerca do sistema penitenciário.

Tabela 1 – Músicas analisadas nesta pesquisa

MÚSICA	GRUPO MUSICAL	ANO	COTIDIANO/ESPAÇOS DA CIDADE RETRATADOS
“O lobisomem do Jangurussu” ²	Caixeiros Viajantes	2015	Aterro sanitário do Jangurussu, medo, lenda urbana, sobrevivência.
“Mundo cão” ³	Caixeiros Viajantes	2015	Trânsito, desigualdade.
“No meu nome” ⁴	Carlos Nego Gallo e Don L	2007	Violência, desigualdade, drogas.
“Downtown” ⁵	Carlos Nego Gallo	2019	Religião, sobrevivência, afetos.
“Esperando pelo 051” ⁶	Selvagens à Procura de Lei	2011	Tráfego pela cidade, lazer, droga.
“Massarrara” ⁷	Selvagens à Procura de Lei	2013	Praia do Futuro, meninos em situação de rua, desigualdade, violência.

Fonte: elaborada pelos autores.

O objetivo foi analisar as relações dos compositores com os lugares referenciados, utilizando-se, para isso, de análise textual das composições e das entrevistas, refletindo, por fim, sobre os imaginários desses espaços nas músicas e como os compositores entrevistados consomem simbolicamente a cidade.

Utilizamos da análise crítica do discurso de Norman Fairclough (2001) para analisar a construção discursiva dos dados coletados por meio dos dois procedimentos. A proposta de análise de Fairclough distingue três dimensões no discurso – texto, prática discursiva e prática social –, segundo propósitos analíticos. Nesse modelo, a análise é, portanto, dividida em três aspectos: a letra da música; o contexto em que foi produzida; e os imaginários e as experiências sobre os lugares apresentados.

² Disponível em: <https://bit.ly/2SPIUJv>. Acesso em: 28 jan. 2019.

³ Disponível em: <https://bit.ly/21Dt5kC>. Acesso em: 28 jan. 2019.

⁴ Disponível em: <https://bit.ly/2Sj16G5>. Acesso em: 28 jan. 2019.

⁵ Disponível em: <https://bit.ly/2TbIT1R>. Acesso em: 28 jan. 2019.

⁶ Disponível em: <https://bit.ly/2GSDyWK>. Acesso em: 28 jan. 2019.

⁷ Disponível em: <https://bit.ly/2U2gPLq>. Acesso em: 28 jan. 2019.

Costa a Costa

O grupo de *hip-hop* Costa a Costa foi criado por volta de 2003 em Fortaleza, sendo encabeçado por dois *rappers* da capital cearense: Carlos Nego Gallo, morador do Pirambu, bairro periférico no litoral oeste da cidade; e Don L (Gabriel), morador do Mucuripe, bairro igualmente periférico no litoral leste da capital. Atualmente, os dois artistas estão produzindo individualmente, estando o grupo inativo. Carlos está em Fortaleza, mas Gabriel (Don L) se mudou para São Paulo, onde continua sua carreira como *rapper*.

O nome do grupo, Costa a Costa, faz referência aos dois trechos periféricos da orla de Fortaleza, estando no meio das duas a região mais nobre e turística da cidade, representada pelos bairros Praia de Iracema e Meireles (Figura 1). O grupo, portanto, escancara um enfrentamento político-social já em seu nome, ao situar seus sujeitos na geopolítica da cidade.

Figura 1 – Comunidade Moura Brasil (no Grande Pirambu), na costa oeste (ponto “A”); e bairro Mucuripe, na costa leste (ponto “B”); no meio, o Meireles, bairro de maior IDH de Fortaleza



Fonte: Google Maps.

Para esta pesquisa, entrevistamos um dos integrantes do grupo: Carlos Nego Gallo. Nascido em 1974 (45 anos),⁸ na cidade do Rio de Janeiro, Carlos é filho de mãe fortalezense que migrou para a capital fluminense e lá conheceu o pai dele, um pernambucano. A família morava em uma região suburbana do Rio, até que o pai de Carlos se envolveu com o crime organizado, e a mãe decidiu se separar e voltar para Fortaleza, com os três filhos. Carlos chegou a Fortaleza aos 12 anos de idade, passando sua adolescência na comunidade Moura Brasil, situada em um morro do bairro Pirambu, morro este não muito alto, de frente para o mar, do lado oeste da cidade. Desde aquele período, a comunidade já era controlada por grupos envolvidos com tráfico de drogas. Em algum momento da adolescência, Carlos se viu imerso no universo do tráfico. Como modo de isolá-lo do mundo do crime, sua mãe o colocou na Marinha, cuja base militar é vizinha à comunidade onde ele mora. Deixou o regime militar por indisciplina, não aceitava ser controlado, e, a partir daí, passou a ter contato com discussões sobre desigualdades socioeconômicas e raciais por frequentar espaços de discussão de uma entidade sem fins lucrativos e de um grupo de *hip-hop* da cidade.

Caixeiros Viajantes

A banda Caixeiros Viajantes foi formada em 2015 em Fortaleza, buscando “expressar os ideais de liberdades individuais e justiça social”.⁹ A banda é constituída atualmente pelos seguintes integrantes: Pedro Anderson Viajante (voz principal, guitarra base e arranjos), Jefferson Juan (*back vocal*, guitarra solo e arranjos), Wilker Andrade (*back vocal*, baixo elétrico e arranjos) e Jefferson Castro (*back vocal*, bateria, percussão e *samples*).

⁸ Quando nos referimos a Carlos como “jovem”, não nos referimos à sua idade, e sim ao fato de ele ter sido inserido no universo musical recentemente, em 2005, quando foi criado o grupo Costa a Costa.

⁹ Disponível em: <http://tnb.art.br/rede/caixeirosviajantes>. Acesso em: 19 jan. 2019.

A banda assim se define:

Caixeiros Viajantes é o som com sotaque de uma Fortaleza real, acordes que acordam os que fecham os olhos por não quererem entender o que é a periferia. Iluminam a cidade invisível, aproximam o bairro onde nem todo mundo vai se tratar do “vixe”¹⁰ e cantam a luta dos trabalhadores que vivem o drama do déficit habitacional.¹¹

A banda Caixeiros Viajantes é composta por jovens que nasceram e moram na região mais pobre de Fortaleza, no extremo sul da cidade, no limite com o município de Maracanaú. Um desses bairros é o Jangurussu (Figura 2), estigmatizado especialmente pela associação ao aterro sanitário em torno do qual o bairro se estruturou na década de 1980. Um de nossos entrevistados, Pedro Viajantes, foi criado no Jangurussu, enquanto que os outros três membros da banda moram nos bairros José Walter e Antônio Bezerra, também situados nas bordas da cidade, no extremo sul, e também apresentando baixos Índices de Desenvolvimento Econômico (IDH).

Figura 2 – No listrado indicado pela seta, o bairro Jangurussu, um dos mais baixos IDHs de Fortaleza



Fonte: Google Maps.

¹⁰ “Vixe” é uma interjeição utilizada localmente para desaprovar algo. No trecho, a expressão faz referência ao modo como as pessoas costumam reagir quando o interlocutor diz morar em um bairro estigmatizado pela “pobreza” e “violência”.

¹¹ Disponível em: <http://tnb.art.br/rede/caixeirosviajantes>. Acesso em: 19 jan. 2019.

Eles se consideram sobreviventes de uma “dura e sofrida” infância, como define Jefferson Juan, guitarrista e arranjador, que, aos 25 anos, já perdeu sete dos seus melhores amigos para a violência de Fortaleza. Moram em lugares com pouco ou nenhum serviço público básico. Segundo Pedro Anderson Viajante, guitarrista e compositor, a música começou a fazer parte da sua vida por meio de uma “oficina ministrada em um projeto social da Prefeitura, que atende jovens em situação de vulnerabilidade social. Eu era um desses jovens”.¹²

Pedro Anderson Viajante explica que contou com a ajuda de um dos educadores sociais, o músico Aluizio Moisés de Medeiros. Pedro nasceu em Fortaleza, em 21 de julho de 1991 (27 anos). Ele destaca ser “filho de mãe solteira, negra” e ter contado “muito com a ajuda dos meus avós maternos para estar aqui ainda hoje”.

Selvagens à Procura de Lei

A banda de *rock* Selvagens à Procura de Lei foi formada em 2009, em Fortaleza, pelo guitarrista e vocalista Rafael Martins, pelo baixista e vocalista Caio Evangelista, pelo baterista Nicholas Magalhães e pelo guitarrista e vocalista Gabriel Aragão.

Com formação em escolas e universidade particulares de Fortaleza, os integrantes da banda Selvagens à Procura de Lei são filhos de funcionários públicos ou profissionais liberais, passando a infância em bairros como Aldeota e Papicu, com melhores IDHs¹³ da cidade. Segundo Gabriel Martins, o grupo poderia se definir como jovens que buscam experimentar a cidade, sendo a música a maneira escolhida para expressar essa vivência. “A gente não falava obviamente de ser jovem, mas de ser a gente aqui rolando na cidade à noite, como que era

¹² O projeto da Prefeitura Municipal de Fortaleza é chamado de “Crescer com arte” e foi realizado em 2010 na comunidade do Jereba.

¹³ Os bairros Meireles (0,953), Aldeota (0,867), Dionísio Torres (0,860), Mucuripe (0,793), Guararapes (0,768), Cocó (0,762), Praia de Iracema (0,720), Varjota (0,718), Fátima (0,695) e Joaquim Távora (0,663) aparecem como os dez melhores bairros de Fortaleza em desenvolvimento humano. Vale salientar que, com exceção do Bairro de Fátima, que pertence à Regional IV, os demais se concentram na Regional II.

nossa vida, nosso estilo de vida e tal. Isso deu abertura pra maioria das músicas”. Já para o baixista Rafael Aragão, seus vínculos com a capital cearense são explicitados quando realizam *shows* em outros estados. “A gente carrega um certo calor no som, no nosso comportamento, no nosso jeito de ser, de falar com eles e se comunicar, e tudo isso eu acho que é muito por conta de Fortaleza mesmo, da gente ter crescido aqui, os quatro, e ter tido experiência bem massa e até hoje a gente cultiva isso dentro da gente. Pra mim, Fortaleza é a minha terra”.¹⁴

[...] A gente sentia essa necessidade muito grande de escrever músicas que contassem sobre o que a gente vivia mesmo. Sem inventar muito ou sem fantasiar alguma coisa, sabe [...]. Tudo isso era a gente que curtia muito andar ali na Praia de Iracema, Beira-Mar, Praia do Futuro também.¹⁵

Rafael Martins nasceu em Fortaleza, em 12 de março de 1990 (28 anos). Ele é guitarrista e vocalista do grupo Selvagens à Procura de Lei. Cresceu no bairro Papicu e, aos oito anos de idade, mudou-se para o bairro Dionísio Torres, ambos considerados “de classe média”. Aos 23, mudou-se para São Paulo por questões profissionais, morando nos bairros Perdizes, Santa Cecília e Sumaré. Já Gabriel Aragão nasceu em Fortaleza, tendo vivido sua infância no Bairro de Fátima, região de classe média da cidade. Na adolescência, mudou-se para o bairro Papicu e estudou em escolas de classe média alta.

Consumo simbólico da cidade

Para definir uma cidade, é preciso levar em consideração as práticas urbanas realizadas em seu interior pelos mais diversos grupos sociais que a habitam. Michel de Certeau (2007) defende não ser mais possível sustentar a noção sobre “cidade” apenas a partir do conceito consagrado pela ciência moderna, responsável por um “discurso utó-

¹⁴ Entrevista com Rafael Martins, do Selvagens à Procura de Lei, em 10/09/2018.

¹⁵ Idem.

pico e urbanístico” sobre o espaço urbano. Segundo ele, é preciso considerar as práticas urbanas.

Certeau (2007) considera ser necessário “analisar as práticas microbrianas, singulares e plurais, que um sistema urbanístico deveria administrar ou suprimir e que sobrevivem a seu perecimento”. Tal fenômeno tem por base os usos e as apropriações do espaço urbano, realizados pelos habitantes da cidade no cotidiano, mesmo que a despeito dos dispositivos orquestrados pela organização observadora e vigilante do Estado (CERTEAU, 2007).

O autor define como consumo um fenômeno “que tem como característica suas astúcias, seu esfrelamento em conformidade com as ocasiões, suas ‘piratarías’, sua clandestinidade, seu murmúrio incansável, em suma, uma quase invisibilidade, pois ela quase não se faz notar por produtos próprios” (CERTEAU, 2007, p. 94). Se considerarmos que o produto consumido é a própria cidade, tais apropriações se fazem de modo ainda mais microscópico, dadas as amplitudes e complexidades do “produto cidade”.

Os trechos a seguir – das composições “No meu nome” e “Downtown” e de entrevista com Carlos Nego Gallo – explicitam os modos como uma cidade acaba por conformar seus habitantes:

[Nego Gallo:] Bora, pai / O que te faz ser real? / **Minha cidade me faz ser real** (um, dois) / **Meu bairro me faz ser real** (salve) / Meus amigos me fazem ser real (meus amigos, salve) / Isso aqui é Fortal [...] [grifo nosso]

[...] [Don L:] Pensei que **aquela última rima** / Que embalou o irmão / Naquela última tarde / **Num era minha, era da minha cidade** / Onde os moleque corre o dobro pra viver a metade / Raro é se manter de pé com a integridade intacta / Pânico de nada, é tudo estrada, chapa / Veterano, Gallo [...] [grifo nosso]

(No meu nome, Nego Gallo com part. Don L)

Ô carioca, ô carioca / Carioca! / [Verso 1:] Conheço as **esquinas**, vi gente morrer / Hey, deixa eu viver / Minha música alta, deixa eu viver / Jesus na causa / Amigos na casa / Faz valer / Ok! Ok! / Dia bom, dia ruim / Eu faço valer / São putas, plays / Vermes, reis / Ruas [...] [grifo nosso]

(Downtown, Nego Gallo)

[O *crack* chegou a Fortaleza no] comecinho da década de 1990. E, quando ele chega, chega de uma maneira que o cara que fazia na cadeia, que aprendeu a fazer na cadeia, tava fazendo na favela pra ele, ele comprava a cocaína e fazia o *crack* pra ele fumar e aí ele fazia assim: ele fazia o *crack* e dava pra um colega, aí o colega dizia: “Me ensina”. Aí o cara ensinava ele a virar o *crack* e aí começou uma coisa que parece que os caras tinham descoberto a receita e saíram espalhando a receita. No final da década de 1990, quando o *crack* chega mesmo como droga e aí chega de quilo, chega de tonelada, já chega com todo mundo sabendo mais ou menos o que é, eles fizeram um trabalho com essa mercadoria, uma experiência de mercado de 2/3 anos, deixando o pessoal se acostumar. Quando chegou, aí a cidade enriqueceu. Foi só chegar o *crack* em Fortaleza que a cidade virou, começou a entrar dinheiro que você nunca viu, **os moleques tinham carro, moto, saindo da favela, entendeu, armas** [grifo nosso].¹⁶

A passagem “minha cidade me faz ser real” aponta para esse enlace quase visceral entre o espaço urbano e seus habitantes. No caso de Carlos Gallo – morador de uma comunidade onde o crime organizado predomina tanto sobre as vivências internas, como sobre os imaginários coletivos externos sobre o local –, a cidade que ele experimenta o obriga a perceber a vida de modo “real”, ou seja, sem muitas ilusões sobre o “estar no mundo”. O depoimento de Carlos sobre a chegada do *crack* a Fortaleza aponta para esse “encarar a cidade” de modo cru, real. O modo como o grupo ao seu redor ainda conseguirá, digamos, “romantizar” sua experiência de cidade é aderindo à lógica de ostentação propiciada pelo universo do crime (“os moleques tinham carro, moto, saindo da favela, entendeu, armas”).

Já os símbolos consumidos pelos integrantes do grupo Caixeiros Viajantes se aproximam parcialmente do olhar apresentado por Carlos. Contudo, não se destacam elementos como “mundo do crime” e a relação quase visceral com a violência urbana. A música “O lobisomem do Jangurussu”, selecionada para análise aqui, foi inspirada no Jangurussu, bairro de construção do aterro sanitário de Fortaleza.

¹⁶ Entrevista com Nego Gallo, do Costa a Costa, em 15/01/2019.

O bairro encontra-se a cerca de 20 quilômetros do Centro da capital cearense, às margens do rio Cocó, no lado leste da cidade. Trata-se de um dos lugares mais populosos e com o pior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)¹⁷ de Fortaleza. De acordo com as pesquisadoras Rebecca Isabelle Herculano Silva e Maria Goretti Herculano Silva (2007), essa área da cidade abrigou, em décadas anteriores, os imigrantes do interior do estado fugidos da seca e inúmeros trabalhadores, em sua maioria desempregados. O lugar serviu, durante anos, de meio de subsistência de dezenas de famílias em bairros próximos à Arena Castelão, como São Cristóvão, e de moradia para a comunidade. O aterro sanitário foi criado em 1978 e se manteve oficialmente em atividade até 1986, período aproximado do início de seu funcionamento como “lixão”, durando até o ano de 1998.

[...] Eu vou tirar uma história / Lá do fundo do baú / A cidade é Fortaleza / O bairro é Jangurussu / É **no rumo de quem vai lá pra Maracanaú** / Fortaleza toda sabe: é ali que se joga o lixo [...] [grifo nosso]

[...] Empurrado pela fome / Vem o povo e se apossa / Veio gente do São Cristóvão, do João Paulo e do Barroso / Boa Vista, Sumaré / Mulher com filho e esposo / **O lixão dá o sustento / Mas é sujo e perigoso** [...] [grifo nosso]

[...] Foi visto por uma avó / Uma mãe e um menino / Voltavam lá do **Barroso** / No meio da escuridão / Avistaram um vulto preto / Ali perto do **Lixão** / A avó teve um infarto / Que foi parar no **Frotão** [...] [grifo nosso]

(O lobisomem do Jangurussu, Caixeiros Viajantes)

[...] **Eu vejo longe a cidade / Eu vejo longe edifícios / E vejo bem de longe** / Respeito e consideração / Aqui o destino é incerto é deserto é mundo cão / mas há sempre esperança no sorriso e no suor em troca do pão! [...] [grifo nosso]

(Mundo cão, Caixeiros Viajantes)

¹⁷ Entre os bairros com baixo IDH, estão Conjunto Palmeiras (0,119), que ocupou a última colocação do *ranking*, seguido por Parque Presidente Vargas (0,135), Canindezinho (0,136), Genibaú (0,139), Siqueira (0,149), Praia do Futuro II (0,168), Planalto Ayrton Senna (0,168), Granja Lisboa (0,170), Jangurussu (0,172) e Aeroporto – Base Aérea (0,177). Os dados são do IBGE, de 2014.

Nas passagens acima, percebemos que o consumo da cidade é simbolizado pelo lixão do Jangurussu. Ele seria o provedor de sustento à comunidade, que se vê desamparada em temas de assistência pública. Além do “lixão”, outros símbolos são destacados: a cidade de Maracanaú, cujo limite com Fortaleza é marcado pelo bairro Jangurussu; o bairro Barroso, vizinho ao Jangurussu; e o Frotão (o hospital Instituto Doutor José Frota), o principal hospital público do estado do Ceará, no Centro de Fortaleza. Tais símbolos marcam uma vivência marginal em relação às desigualdades socioeconômicas que caracterizam a capital cearense. A música, em formato de fábula, acaba por dialogar com o formato crônica, visto que, embora trate de personagem fictício (um lobisomem), trata-o como uma personificação da população mais desprestigiada da cidade.

No último trecho citado acima, extraído da música “Mundo cão”, dos Caixeiros Viajantes, é perceptível que os compositores sequer se percebem como “consumidores do espaço urbano”. Para eles, o espaço urbano seria, na verdade, composto pelas regiões providas de serviços públicos e com poder econômico. Quem estaria nas periferias, portanto, apenas estaria observando a vida acontecer distante (“eu vejo longe a cidade”).

Analisamos, também, o consumo urbano realizado pelos integrantes da banda Selvagens à Procura de Lei:

Me conte uma mentira pra que eu fuja pra bem longe / Me aponte uma saída, eu faço maço, eu pego o bonde / **Não sou da sua praça, eu sou sem graça, eu admito**/ Não vou ao seu encontro, eu não sou da sua tribo / **Seu filho está na serra e o meu na favela / Seu filho faz direito e o meu faz a guerra** / Eu quero o oco do coco, do soco, o moco, o olho cego [...]

(Massarrara, Selvagens à Procura de Lei).

De origem de classe média, tendo morado em bairros de bom desenvolvimento econômico e tendo estudado em escolas tradicionais da cidade, os compositores do Selvagens à Procura de Lei demonstram sensibilidade e empatia para retratar questões como “violência urbana” e “desigualdades socioeconômicas”. Para isso, eles costumam criar per-

sonagens que são marginalizados e, assim, passam a retratar a cidade a partir do olhar desses personagens.

Na passagem acima, extraída da música Massarrara, tais elementos são evidenciados por trechos como “Não sou da sua praça, eu sou sem graça, eu admito / Não vou ao seu encontro, eu não sou da sua tribo”. A ideia é falar usando a voz de um “outro” marginalizado, que vai ao enfrentamento político com os grupos privilegiados da cidade. Nesse sentido, o consumo experimentado por eles não está explicitado em suas músicas. O consumo retratado nas composições seria, portanto, um “consumo imaginado”, uma forma de imaginar como os grupos desprivilegiados experimentam a cidade. Nesse sentido, consideramos que, apesar de serem atravessados por uma trajetória privilegiada, os integrantes do Selvagens à Procura de Lei acabam por ter suas percepções sobre a cidade conformadas a partir de outras mediações socioculturais (MARTÍN-BARBERO, 2006), a exemplo dos debates sobre sociedade e das influências musicais, estimulados pelos pais de alguns deles.

Quando perguntado sobre que lugar, na opinião dele, poderia representar simbolicamente a cidade, Rafael cita a Praia de Iracema:

Sem dúvida, pra mim, é uma praia, e hoje em dia seria a Praia de Iracema, por ela estar nesse *hype* todo e a galera mais jovem estar frequentando bastante. Foi uma das coisas mais legais que eu vi depois que eu saí daqui [mora hoje em São Paulo], foi a mudança da Praia de Iracema e das vezes que eu fui lá pra, sei lá, ver o pôr do sol, só ficar de boa... Eu me senti muito bem! Foi como, sem exagero, a realização de mais um sonho. De poder ver todo mundo ali junto, na praia, **como se fosse ali, em Copacabana ou no Leblon**. E a galera numa boa, se divertindo, curtindo com aquele pôr do sol do lado da Ponte Metálica.¹⁸

No discurso de Rafael Martins, ao fazer referência à Copacabana e ao Leblon, praias/bairros da capital fluminense, é perceptível que a circulação dele por outras capitais brasileiras lhe possibilita um olhar relacional, resultando em uma comparação explícita entre Fortaleza e as demais cidades por onde costuma circular. Canclini (2015b) destaca que,

¹⁸ Entrevista com Rafael Martins, do Selvagens à Procura de Lei, em 04/10/2018.

“quando a circulação cada vez mais livre e frequente de pessoas, capitais e mensagens nos relaciona cotidianamente com muitas culturas, nossa identidade já não pode ser definida pela associação exclusiva a uma comunidade nacional” (CANCLINI, 2015b, p. 131). Leia-se, contudo, “comunidade nacional”, referida pelo autor, como uma “comunidade local” (algo mais focalizado em relação a uma lógica de globalização).

Uma das composições analisadas fazem alusão à noção de *outsider* ao se referir à “tribo” de um outro com quem se dialoga de modo conflituoso. Em Massarrara (da banda Selvagens à Procura de Lei), o personagem central se apresenta como alguém que observa, de fora, a “cidade que importa”, que seria a “tribo”. Outro destaque fazemos ao fato de os componentes da banda Selvagens à Procura de Lei se colocarem no lugar de um outro, construindo, de modo empático, personagens que vão experimentar uma cidade desigual. No caso do Selvagens à Procura de Lei, o “outro” pertence a outro estrato socioeconômico.

Considerações finais

Pensar a música como um modo de compreender o consumo da cidade por parte de jovens compositores foi o modo que encontramos para compreender como as experiências cotidianas possibilitam a conformação de imaginários sobre o espaço urbano. Em uma Fortaleza cujos dados das pesquisas econômicas sinalizam para uma desigualdade social expressiva, as composições dos jovens artistas não poderiam mostrar outro cenário. Eles apresentam, por meio da música, as experiências vivenciadas em momentos de lazer na Praia do Futuro, no trajeto de ônibus, na morte de um vizinho, no lobisomem na rampa do lixo ou na destruição do mangue e das lagoas. Eles são impactados por essa cidade dividida. Essa divisão se mostra nos roteiros de visita da cidade, nas imagens de cartões-postais, nos serviços ofertados, nas oportunidades no mercado e na invisibilidade midiática.

Os jovens compositores consomem simbolicamente os espaços da capital cearense de maneira distinta e são tratados de forma diferente pela governança. Percebemos isso na forma como expressam o medo, falam da moradia, da sobrevivência, do acesso à educação, da violência,

da morte e de drogas. Por outro lado, o lugar é motivo de orgulho, de inspiração para compor e de formação como sujeito. É o espaço dos afetos. Com os imaginários urbanos expressos nas composições, podemos compreender a cidade multifacetada que é Fortaleza, as histórias dos sobreviventes das rampas do lixo, dos jovens de classe média que se assustam com as crianças em condições de rua através da janela do carro.

Referências bibliográficas

- ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 5-6, 1997.
- CANCLINI, N. G. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015a.
- CANCLINI, N. G. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015b.
- CANCLINI, N. G. Imaginários culturais da cidade: conhecimento/espetáculo/desconhecimento. In: COELHO, T. (org.). *A cultura pela cidade*. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- DUBET, F. *Sociologia da experiência*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
- LA ROCCA, F. *A cidade em todas as suas formas*. Porto Alegre: Sulinas, 2018.
- MAFESSOLI, M. *Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.
- MARTÍN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- MONGIN, O. *A condição urbana: a cidade na era da globalização*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

RIOS, K. *Campos de concentração no Ceará*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.

RIOS, K. *Imaginários urbanos*. São Paulo: Perspectiva; Bogotá: Col: Convenio Andres Bello, 2001.

SILVA, A. *Imaginários, estranhamentos urbanos*. São Paulo: SESC/SP, 2014.

SILVA, R. I. H.; SILVA, M. G. H. Projeto Jangurussu, reciclando a vida: uma análise sócio-ambiental na visão do catador. In: CONGRESSO DE PESQUISA E INOVAÇÃO DA REDE NORTE NORDESTE DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA, 2., 2007. João Pessoa. *Anais [...]*. João Pessoa/PB: Connepi, 2007. Disponível em: <https://docplayer.com.br/23541260-Projeto-jangurussu-reciclando-a-vida-uma-analise-socio-ambiental-na-visao-do-catador.html>. Acesso em: 19 set. 2019.

SPINK, M. J. (org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

Discografia

ESPERANDO PELO 051. *Aprendendo a mentir*. Fortaleza: Gravadora Independente, 2011.

MASSARRARA. *Selvagens à Procura de Lei*. Gravadora: Universal, 2013.

LOBISOMEM JANGURUSSU. *Caixeiros Viajantes*. Luzes da cidade. Fortaleza: Gravadora Cidrack Record, 2015.

MUNDO CÃO. *Caixeiros Viajantes*. Luzes da cidade. Fortaleza: Gravadora Cidrack Record, 2015.

DOWNTOWN. *Álbum Veterano*. Fortaleza: Gravadora Selo Independente, 2019.

SAPIRANGA. *Álbum Sapiranga*. Fortaleza: Gravadora Independente, 2018.